

ARTE X BUROCRACIA DE ESTADO

Mostra panorâmica de José Rufino promove o choque entre documentos de caráter pessoal e coletivo, tendo como pano de fundo o autoritarismo dos regimes de exceção.

Rodrigo Moura

Desde a entrada, a exposição de José Rufino no MAC de Niterói - que reúne trabalhos produzidos entre 1990 e 2005 - oferece duas opções de percurso, abolindo a sequência cronológica entre as salas. Quase toda a obra do artista paraibano se baseia na apropriação de arquivos, documentos e narrativas ligados a sua história pessoal, mas também conectados a contextos mais amplos e públicos. No limite, trata-se de aproximar história cotidiana e autobiografia, e estas à memória coletiva.

O ponto alto e centro discursivo da mostra é a instalação *Plasmatio* (2002), peça na qual os objetivos do artista se articulam formalmente de maneira mais ambiciosa. Ali, móveis antigos que pertenciam a repartições públicas se amalgamam com cartas trocadas entre presos políticos e familiares do artista, militantes de esquerda durante a ditadura militar. O que mais impressiona é o aspecto escultórico da instalação: uma cadeira com as pernas amputadas, virada contra a parede; carimbos que se rebelam, dançando pelas paredes e teto; escrivatinhas empilhadas; documentos que são cuspidos de gavetas e tampos. Nas cartas, lemos sobre atrocidades cometidas pelo 1º Exército em nome de uma suposta ordem que a obra trata de negar. As memórias do artista, aqui, se aproximam da experiência hedionda do estado de exceção trazendo ao público testemunhos por longos anos adormecidos.

A série de monotipias *Sem Título*, de 2002, retoma a ideia da inserção pessoal e pontual no fluxo incessante da história. Trata-se de 50 obras de formato pequeno, agrupadas em uma rígida grade sobre a parede, formando um grande painel. Sobre fichas manuscritas e datilografadas do INSS, vemos manchas de têmpera à maneira das imagens do tradicional teste psicológico Rorschach (o "teste dos borrões"), promovendo ainda forte referência ao universo formal das plantas. Montada na mesma sala, a escultura *Incertae Sedis* ("aquilo que não tem classificação taxonômica definida"), de 2004, consiste de um gaveteiro de madeira acoplado a uma longa raiz modificada, empresta título à exposição e condensa o interesse do artista pela aproximação entre as simbologias do arquivo e da árvore.

Há, ainda, uma discreta, embora interessante, relação entre as obras de José Rufino e a arquitetura do mezanino do MAC de Niterói. Suas instalações, monotipias e esculturas não apenas dialogam com um certo aspecto institucional-burocrático do espaço (carpete cinza, paredes de concreto brancas) como também extraem partido da disposição circular da galeria, oferecendo ao espectador um ponto de vista de apreensão nunca exatamente linear.

RODRIGO, Moura. Arte x Burocracia de Estado. *Revista Bravo!*. São Paulo: Abril, 2006. n. 102, p. 107